

A ESCOLA ESTADUAL DOM AQUINO CORRÊA NO CONTEXTO DO DISTRITO DE ÁGUAS CLARAS

FALCÃO, Thayane da Silva¹
FALCÃO, Jairo Luis Fleck²

Resumo: Este texto tem como objetivo compreender, por meio de narrativas de memória, a trajetória da escola Dom Aquino Corrêa no contexto no distrito de Águas Claras e como objetivos específicos analisar a metodologia de ensino e as políticas educacionais voltadas a Educação do/No Campo; compreender por meios de narrativas de memória as metodologias e temáticas trabalhadas ao longo da história da escola; contar a história da escola a partir da análise das narrativas de memória e sintetizar as contribuições desta unidade de ensino para a comunidade de Águas Claras, sendo esta a única no local para acesso a escolarização. Para desenvolver a pesquisa realizamos entrevistas com professores/as, ex-estudante da escola Dom Aquino Corrêa e moradores/as da comunidade Águas Claras. Por meio das entrevistas tivemos acesso a informações sobre a trajetória da escola, as dificuldades e as conquistas desta instituição de ensino do campo, além das transcrições das entrevistas, para fins de análise e apresentação dos resultados selecionamos algumas fotografias do acervo da escola.

Palavras-chave: História Institucional; História da Educação; Educação em Juara-MT; História Oral; Educação do/No Campo.

Introdução

Este texto, intitulado A Escola ‘Dom Aquino Corrêa’ no Contexto da História de Águas Claras” tem como objetivo compreender, por meio de narrativas de memória, a trajetória histórica da escola Dom Aquino no contexto no distrito de Águas Claras.

O tema discutido proporcionará ao leitor conhecer a realidade de uma instituição de ensino do/no campo, e sua trajetória e dificuldade desde o início da instituição aos dias atuais. Portanto, essa pesquisa contribuirá para aqueles que tem interesse em saber sobre a educação do/no campo, as metodologias de ensino trabalhadas e principalmente a história de uma instituição do campo.

Ao estudarmos sobre educação do campo, podemos perceber que os povos tiveram que enfrentar vários desafios, pois muitos professores não queriam lecionar no campo por ficar longe da cidade e a realidade não ser a mesma, muitas vezes, esses professores nem se quer

¹ Licenciada em Pedagogia pela UNEMAT, Câmpus de Juara. E-mail: thaayanefalcao12@gmail.com.

² Licenciado em História pela UFPel, Licenciado em Pedagogia pela UNINTER, Mestre em História pela PUCRS, Doutor em História pela UNISINOS, Professor dos Cursos de Pedagogia e Administração da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Câmpus de Juara, Professor do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória da UNEMAT, Câmpus de Cáceres e do Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Educação – PPGedu da UNEMAT, Câmpus de Cáceres. E-mail: jairofalcao@unemat.br

tinham formação. Porém, muitas pessoas acreditavam que moradores do campo não tinham necessidade de aprender ler e escrever, mas apenas aprender a lidar com as tarefas do campo, trabalhando para o próprio sustento,

Assim, as pessoas que exerciam as atividades agrícolas, ou seja, escravos – índios e negros africanos – e os colonos imigrantes, encontravam-se em situação de desvantagem, não podiam esperar políticas educacionais, pois, não se considerava necessário saber ler e escrever para trabalhar com a terra (BREITENBACH, 2001, p. 117).

Esse mesmo autor continua dizendo,

Aqueles que queriam e podiam estudar, tinham que se deslocar do campo até a cidade para estudar, mas aqueles filhos de trabalhadores que não tinha condições de estudar, simplesmente ficavam sem estudo. Estudar era apenas para filhos de ricos (BREITENBACH, 2001, p. 117).

Percebemos que até os anos dois mil era muito grande as dificuldades para os habitantes do campo estudar, isso se agrava ainda mais nas regiões norte, nordeste e centro-oeste do país. Faltando escola no campo, o número de analfabetos aumenta ainda mais, conforme Breitenbach (2001, p. 117) nos mostra que

o índice de analfabetos e analfabetos funcionais continua muito elevado no campo, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2008) apurou que, em 2007, 23,3% da população rural era formada por analfabetos contra 7,6% da população urbana, ou seja, existiam três vezes mais analfabetos no campo que na cidade. [...].

Assim podemos analisar quanto o povo do campo era menos favorecido quanto à educação. Conforme o PPP/UnB (apud PEREIRA e FERREIRA, 2014, p. 08),

A luta principal da Educação do campo tem sido por políticas públicas que garantam o direito da população do campo a educação, e a uma educação que seja no e do campo. NO: as pessoas têm direito a ser educadas no lugar onde vivem; DO: as pessoas têm direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e as suas necessidades humanas e sócias.

Uma educação que tenha a realidade do campo, pois não resolveria uma educação do campo conforme a realidade da cidade, neste sentido, afirma Caldart (2001, p. 66), “a formação das educadoras e educadores é o centro dessa proposta, pois não há escolas no campo sem a formação dos sujeitos sociais do próprio campo, que assumam e lutem por esta identidade e por um projeto de futuro”.

Diante de todos esses acontecimentos podemos nos perguntar: O que nos relatam os sujeitos que viveram e experienciaram o cotidiano do distrito de Águas Claras sobre a trajetória da escola E.E Dom Aquino Corrêa? Quais as políticas educacionais e as metodologias de ensino pensadas para o desenvolvimento da Educação do e no Campo? O que nos contam os

entrevistados sobre as metodologias e temáticas trabalhadas ao longo da história da escola Dom Aquino? Quais as lutas enfrentadas pelos habitantes do distrito de Águas Claras para conseguir implementar e sustentar uma instituição de ensino na região?

Esta pesquisa teve como objetivo geral, compreender por meio de narrativas de memória a trajetória da escola E.E Dom Aquino Corrêa no contexto no distrito de Águas Claras. Partindo desse objetivo geral e definida a pesquisa a ser realizada, o presente estudo proporciona por meio dos objetivos específicos, analisar a metodologia de ensino e as políticas educacionais voltadas a Educação do/no Campo; compreender por meios de narrativas de memória as metodologias e temáticas trabalhadas ao longo da história da escola E.E Dom Aquino Corrêa; contar a história da escola E.E Dom Aquino Corrêa partir da análise das narrativas de memória e sintetizar as contribuições desta unidade de ensino para a comunidade de Águas Claras, sendo esta a única no local para acesso a escolarização.

Para responder as questões aos objetivos da pesquisa, realizamos uma pesquisa com uso da metodologia da História Oral, que consistiu na realização de entrevistas com professores/as, ex-estudante da escola Dom Aquino e moradores/as da comunidade Águas Claras. Por meio das entrevistas tivemos acesso a informações sobre a trajetória da escola, as dificuldades e as conquistas desta instituição de ensino do campo, além disso selecionamos algumas fotografias do acervo da escola.

O trabalho está dividido em cinco partes: no primeiro, abordamos os aspectos teóricos sobre a política de educação do/no campo; no segundo apresentamos a metodologia da História Oral, teorizamos sobre memória e narrativas de memória e apresentamos os sujeitos da pesquisa; no terceiro analisamos as narrativas de memória sobre a História da comunidade de Águas Claras e sobre e na sequência sobre a Escola Estadual Dom Aquino Corrêa e apresentamos o contexto da luta pela escola e parte da trajetória deste educandário tendo como referência documental as narrativas de memória de nossas entrevistadas e fotografias da escola.

Políticas Educacionais para educação do/no campo

Nesta seção abordamos aspectos teóricos sobre a educação do/no campo, para que posamos entender a especificidade dessa educação, logo em seguida contamos a história do

distrito de Águas Claras, onde vemos como era a comunidade e a importância da escola “Dom Aquino Corrêa” para a mesma.

Falar de Políticas públicas é pensar nas ações do estado e governo para buscar soluções para problemas específicos demandados por um grupo social organizado, o que envolve as atividades de pressão e negociação por parte dos movimentos sociais ou grupos de pressão e as forças políticas que compõem o governo no momento específico da elaboração da política em questão. Porém, as políticas públicas pressupõem e foram criadas com o intuito de resolver problemas coletivos e não individuais. Para Rodrigues (2010, p. 52-53)

Políticas públicas são ações de Governo, portanto, são revestidas da autoridade soberana do poder público. Dispõem sobre “o que fazer” (ações), “aonde chegar” (metas ou objetivos relacionados ao estado de coisas que se pretende alterar) e “como fazer” (estratégias de ação).

Espera-se que a educação nas escolas públicas seja para todos e que tenha um ensino de qualidade, porém para que esses objetivos sejam alcançados são necessárias Políticas públicas educacionais. Segundo Brasil, (Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010)

A política de educação do campo destina-se à ampliação e qualificação da oferta de educação básica e superior às populações do campo, e será desenvolvida pela União em regime de colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, de acordo com as diretrizes e metas estabelecidas no Plano Nacional de Educação e o disposto neste Decreto.

Sendo que o povo do campo demorou para conseguir aquilo que era deles por direito, um a educação do/no campo, de acordo com suas cultura e costumes. Não precisando mas de deslocar do campo para ter um ensino de qualidade na cidade.

Sabemos que a educação e para todos, porém não terá um ensino de qualidade se as mesmas políticas públicas da cidade for a do campo. Segundo SILVA (s/a, s/p)

Pensando nisso, foram criadas políticas para atender e proporcionar ao homem do campo aprendizado, mas respeitando sua individualidade e seu momento, tanto de plantio quanto de colheita, direcionado sua aprendizagem educacional e passando a influenciar na sua prática trabalhista.

Nem uma escola e igual a outra cada uma tem sua metodologia de trabalho voltada para sua realidade, para assim melhor ensinar na formação de cidadão do bem.

As metodologias do campo devem ser diferenciadas da metodologia da cidade, pois as mesmas devem ser voltadas a realidade dos alunos, tornando-se assim, um dos desafios da educação do/no campo, que é a adequação dos conteúdos trabalhado com a realidade do aluno. Segundo Américo (s/a, p. 02)

Nos últimos anos as escolas do campo vêm buscando aperfeiçoar suas metodologias de ensino conforme a realidade de seus educandos, preocupadas em transmitir conhecimentos a partir daquilo que é necessário para promover a subsistência das famílias do campo, isso através do cotidiano dos alunos e suas famílias.

Deve-se pensar no campo como um lugar de possibilidade, sendo assim cabe ao professor elaborar atividades que usufruam da criatividade e estejam interligadas ao meio em que vivem. Criando estratégias que respondam à necessidade de seus alunos e de suas classes. Fazendo assim com que os alunos se sintam mais interessado em aprender. Desenvolvido atividades de acordo com a realidade do aluno, fazendo assim com que o aluno se interesse mais pela aula.

Os povos do campo na antiguidade sofreram para conseguir aquilo que era deles por direito a educação, os povos não tinham oportunidade de estudo, pois tinham que ajudar seus pais na roça para o sustento da família, não sobrando tempo para estudar, muitas vezes os pais por não terem oportunidade de estudo pensava que seus filhos também não precisam de estudo para aprender lidar com as tarefas da roça, fazendo com que o índice de analfabeto do campo aumentasse ainda mais.

Sabemos que educação do campo, sofreu até que conseguisse uma instituição de ensino no/do campo, muitas vezes pais que queriam e podiam que seus filhos estudassem tinha que migrar do campo para cidade, segundo Pereira e Ferreira, (2014, p. 15),

A busca por educação para os filhos sempre foi motivo de migração do campo para a cidade. No entanto, as dificuldades para uma educação diferenciada para as escolas do Campo são muitas, e a principal delas é a formação do professor para atuar nessas escolas.

Percebemos que não encontrava professor para lecionar no campo, pois não possuía professores e os da cidade não queriam vir para o campo, pois a realidade não era mesma. Silva et al (s/a, p,03) Afirma que,

Em 1930, o pensamento ruralista ganha mais força com os novos rumos da economia brasileira, pois com a crescente industrialização, muitas pessoas começam a migrar para as cidades com intuito de buscar melhores condições de trabalho e de vida.

Sendo nesta época que começaram a discutir sobre a educação do campo. Para Maia (1982), o ruralismo deveria propagar uma escolarização que integrasse às condições regionais e desse subsídio para que as famílias permanecessem no campo.

Segundo Silva *et al* (2011, p. 02),

Para a corrente ruralista os professores deveriam potencializar o ensino a fim de fornecer possibilidades para que o homem permanecesse no campo, se orgulhasse do seu modo de vida e tivesse uma educação que atendessem as necessidades de cada região.

Para que o homem do campo não quisesse deixar sua raiz e se deslocar para cidade, em busca de ensino de qualidade.

Oliveira e Boiago (2012, p. 3) afirma que,

A luta pela elaboração e concretização de uma política pública para Educação do e no Campo no Brasil é algo que tem sido discutido há muito tempo, e, que, no entanto, ganha destaque apenas a partir da década de 1990, período no qual a educação passa a ser o centro dos debates.

Portanto, para que seja uma educação do/no campo ela tem ser no campo o local onde aquele aluno vive e do campo a educação tem que ser voltada as necessidades e realidade do aluno.

Sabemos, portanto, que a educação é um direito de todos os seres humanos independente de sua condição social. Sendo assim, cabe ao governo garantir condições de educação e que seja de qualidade.

Metodologia da História Oral

Nesta seção apresentamos a metodologia da História Oral, utilizada neste trabalho para registrar as lembranças sobre a E.E Dom Aquino Corrêa e a comunidade de Águas Claras. Segundo Verena Alberti (2008, p. 88), “A metodologia da história oral tem essa característica especialmente interessante: a de permitir o conhecimento de realidades sociais através da narrativa de histórias que condensam determinados significados sobre o passado”.

Essa metodologia possibilitou acessar a memória de professoras e ex-estudantes da E. E. Dom Aquino Corrêa e membros da comunidade de Águas Claras, por meio das narrativas de memória. Estando os entrevistados inseridos em uma sociedade familiar e social, nos possibilitaram ampliar os conhecimentos sobre o passado com relatos de experiência vivenciadas e lembradas no momento da entrevista. Neste sentido, encontramos nessas narrativas, informações que não tínhamos acesso por meio dos documentos, pois está apenas na memória de quem vivenciou.

Dessa forma, para responder as questões e os objetivos dessa pesquisa desenvolvemos uma pesquisa com uso da metodologia da História Oral, que segundo Alberti (2008, p. 165)

possibilita “o estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas”.

Para Delgado (2007, p. 28), a metodologia da História Oral “busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões”.

Sobre a História Oral, Grossi e Ferreira (2001, p.30) afirmam que:

É uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber. Dessa forma, “a razão narrativa desemboca no saber contar um fato real ou imaginário, despertando no ouvinte o desejo de significar experiências vividas, que não retornam mais”.

Valorizando assim a lembrança que essas pessoas têm sobre a Escola, bem como as dificuldades que tiveram para que conseguissem uma instituição de ensino nesta comunidade, relatando sua trajetória vivida na Escola Estadual Dom Aquino Corrêa, por meio de entrevista. Segundo Alberti (2008, p. 170) “uma das principais vantagens da História Oral deriva justamente do fascínio da experiência vivida pelo entrevistado, que torna o passado mais concreto e faz da entrevista um veículo bastante atraente de divulgação de informações sobre o que aconteceu”.

Para a realização das entrevistas foi pensado um roteiro de entrevista com perguntas simples e de fácil entendimento para os entrevistados. Tivemos como técnica a entrevista temática, onde os entrevistados relatam sobre o tema abordado. Após as entrevistas, foi feito o tratamento das mesmas, primeiramente duas cópias de segurança guardada no disco rígido do computador e em um *pendrive*, para que não ocorresse perdas. Em seguida foi realizado a transcrição, que segundo Alberti (2008, p. 180), consiste na “passagem da entrevista para a forma escrita”. Cumpre salientar que é um procedimento muito importante, pois a produção de um documento envolve um processo bastante detalhado, com cuidado para não perder dados e também com rigor metodológico. Portanto, para fins de conferência, foi

necessário passar o texto transcrito por um trabalho de conferência de fidelidade, que consiste em ouvir novamente toda a entrevista e conferir se o que foi transcrito corresponde efetivamente ao que foi gravado, corrigindo erros, omissões e acréscimos indevidos feitos pelo transcritor, bem como efetuando algumas alterações que visam a adequar o depoimento à sua forma escrita e viabilizar sua consulta (ALBERTI, 2008, p. 180-181).

Logo após a transcrição das entrevistas, ocorreu a devolução da gravação com a devida transcrição para que cada entrevistada pudesse ler e confirmar a transcrição; como todas

estavam de acordo com o tratamento das entrevistas, incluindo o texto transcrito, assinaram a carta de cedência do áudio e da transcrição, que ficou na guarda do Laboratório de Memória Imagem e Som do Museu do Vale do Arinos e será disponibilizado para fins de estudos e pesquisas.

Um dos aspectos a ser pensados a partir das entrevistas é o funcionamento da memória, que nos possibilita acessar informações de representações dos sujeitos que vivenciaram e experienciaram acontecimentos vividos no passado e que são objetos de nossa pesquisa. Nesse sentido, Bosi (2003, p.46/47) afirmar que:

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço toda da consciência. A memória parece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Lembramos de acontecimentos passados quando vivemos algo parecido, ou quando alguém nos estimula a lembrar e até mesmo lugares, fotos, objetos, cheiros e paisagens. Segundo Bosi (2003, p. 54/55) “se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar: O maior número de nossas lembranças nos vem quando nossos pais, nossos amigos, ou outros homens, no-las provoca”.

A lembrança depende muito de como a nossa memória está, se conseguimos lembrar o passado, Bosi (2003) nos fala que “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”. Ao lembrarmos do passado, nos causa sentimentos de alegria ou tristeza, nos faz comparar o passado com os dias atuais, refletindo assim nossa própria vida.

Portanto o indivíduo participa de dois tipos de memórias a individual e a coletiva, que segundo Halbwachs (2006, p. 39)

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum.

Neste sentido a memória coletiva é a combinação das memórias de diferentes grupos seja na família, na escola ou entre amigos.

É no contexto dessas relações que construímos as nossas lembranças e elas estão impregnadas das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências (HALBWACHS, 2006, p. 28)

Para Halbwachs (2006, p. 69), “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes”.

Diante disso, podemos dizer que a constituição da memória coletiva depende das relações do grupo no qual estamos inseridos, pois conseguimos lembrar de algum acontecimento com maior facilidade quando estamos com pessoas que também vivenciaram esse acontecimento. Além disso, o lugar social que ocupa o sujeito que narra é importante para compreender as suas narrativas, suas memórias.

Sabemos que a memória é o que guardamos de nossas experiências vividas. Mesmo que diríamos que a memória é coletiva, somente o indivíduo é capaz de lembrar. Segundo Halbwachs (2006, p.30),

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco certa quantidade de pessoas que não se confundem.

Portanto, a memória é atualizada constantemente por meio dos grupos de convivência, por isso ela permanece coletiva e apesar de ser de cada indivíduo, quando o grupo o faz lembrar, o sujeito referencia essa lembrança mais atualizada.

Nesta perspectiva da memória coletiva, quando narrada a partir de uma provocação de um outro sujeito, o entrevistador, ela se torna narrativas de memória. Conforme Alberti (2004, p. 01) “ao contar suas experiências, o entrevistado transforma aquilo que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido”.

Tornado sua experiência vivida em uma narrativa. Ou seja, narrativa de memória é o fato de uma pessoa contar sua vida e suas experiências a outra pessoa. As narrativas nos permitem viajar na trajetória de nossos entrevistados. Errante (2000, p.142) nos diz que, “Todas as narrativas são narrativas de identidade [...] elas são representações da realidade nas quais o narrador também comunica como eles veem a si mesmo e como são vistos pelos outros”.

As entrevistas nos aproximam da realidade do passado dos entrevistados, visto que a narrativa, mediadas pela memória, permite a relembração tanto individual como coletiva. Elias (1994, p. 23) afirma que;

[...] cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que as prendem. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais, e decerto não menos fortes.

Ou seja, os indivíduos estão ligados pela função que desempenham na sociedade, tornando assim vivências e lembranças coletivas.

No que diz respeito à narrativa, Benjamin (1994, p. 201) afirma que: “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”. Os sentimentos acompanham as lembranças, seja eles de tristeza ou alegria, pois a memória é um movimento contínuo de aparição e desaparecimento.

Para a realização dessa pesquisa busquei entrevistar antigas professoras e ex aluna da E.E Dom Aquino Corrêa, para que pudesse atingir meus objetivos. As entrevistas foram satisfatórias, conseguindo colher os dados necessários. Portanto tivemos as seguintes entrevistadas. A professora Maria Regina Mariot Quintela que nasceu no estado do Paraná. Na década de 1980, veio embora para o Mato Grosso para o município de Juara, distrito de Águas Claras, com seu marido olhar terra para comprar. Chegaram em Juara dia 17 de março de 1986. Tinham muita esperança e perspectiva de vida, mesmo sabendo das dificuldades que teriam que enfrentar. Começou a lecionar substituindo uma professora que estava de licença maternidade. Regina tinha apenas o Ensino Fundamental completo e na época já podia lecionar. No ano de 1989, depois de três anos como substituta, assumiu uma turma. Trabalhando de 1989 a 1990, na escola José Kara José e a partir de 1990, começou a trabalhar na E.E Dom Aquino Corrêa. Atualmente trabalha como professora na Creche Madre Paulina, em Juara.

Lourença Godoi de Moraes é do Sul-Mato-Grossense, nascida em 10 de agosto de 1969, na cidade de Amambai. Chegou em Juara no ano de 1986, ano em que fugiu da casa dos pais, com seu atual marido e vieram morar no distrito de Águas Claras. Estudou regularmente até a antiga 7^o série, terminou o ensino médio em 1999, ano que a mesma passou no concurso público do estado, fez o antigo exame de massa quando ainda era pago para realizar as provas. Lourença

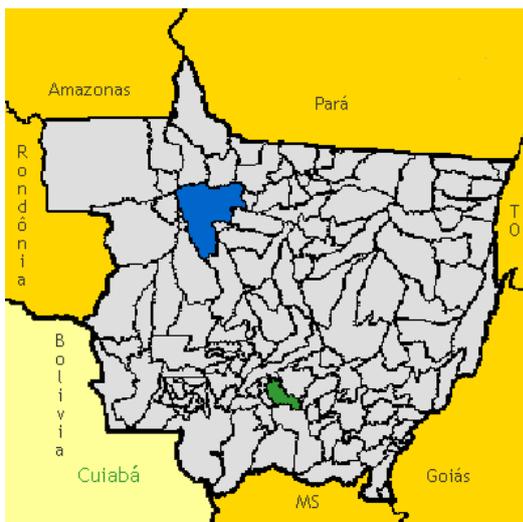
lecionava na sua própria casa quando ainda não havia escola para que os estudantes pudessem frequentar, ela preparava merenda para as crianças pois não recebia recursos para isso. Começou a trabalhar na E.E Dom Aquino Corrêa no ano de 1998, tinha apenas a 7ª série e foi fazendo o ensino médio com o exame de massa. Trabalhou com a turma da 1ª série era uma sala superlotada e mesma se identificou com a turma, tendo como maior dificuldade a falta de material pedagógico. Após assumir o concurso público a mesma trabalha com merendeira na E.E Dom Aquino Corrêa.

Maura Deliberal Lopes, chegou em Águas Claras com sua família no ano de 1985, vieram a procura de sossego, pois estavam cansados da vida agitada da cidade grande, São Paulo, capital. Maura começou a lecionar em 1986 com apenas 16 anos, leiga no magistério e com muitos sonhos que ao longo do tempo estudou muito. Concluiu o curso superior, fez especialização, viajou para Europa para estudar e atualmente está aprendendo outro idioma. Quanto a sua atividade profissional, ainda é professora há 33 anos.

Cláudia João Semensato já foi aluna da E.E Dom Aquino Corrêa, cursou o Ensino Médio e o Pró-Funcionário, curso profissionalizante. No ano de 1997, começou a trabalhar como merendeira, a mesma fez o concurso público e a partir de 2002 passou a trabalhar como zeladora, na Escola Dom Aquino Corrêa, onde trabalha até nos dias atuais.

Breve História de Águas Claras na memória dos sujeitos entrevistados

Para contextualizar e situar o surgimento e trajetória da Escola Estadual Dom Aquino Correia, traremos alguns aspectos da história do distrito de Águas Claras. Dado este nome pelos primeiros moradores que lá chegaram, devido as águas dos rios serem bem claras. Esta comunidade está localizada a trinta quilômetros de Juara-MT, veja na Imagem 1.



Fonte: <http://profatejada.blogspot.com/2017/12/juara-mt-mapa-e-texto-informativo.html>

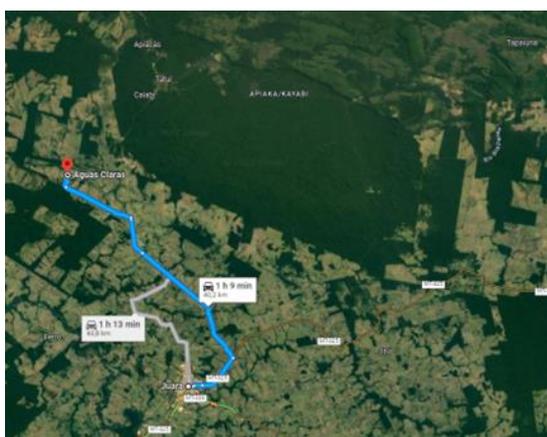
Imagem 1: Mapa de Juara e sua localização no Estado de Mato Grosso.



Fonte: <https://portalmatogrosso.com.br/mapa-do-municipio-61/>

A localização da cidade de Juara, na microrregião do Vale do Arinos, à noroeste do Estado de Mato Grosso, possui um território de 22 641,2 km² e uma população estimada de 33.353 habitantes (IBGE, 2013). A densidade demográfica é de 1,5 habitantes por km² no território do município. Está situado a 273 metros de altitude nas seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 11° 15' 19" Sul, Longitude: 57° 31' 13" Oeste.

Na Imagem 2, mostra o distrito de Águas Claras em foto aérea e os 30 km do trajeto atual de Juara até a comunidade.



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/dir> (adaptado)

Figura 2: Comunidade de Águas Claras: Trajeto de Juara a Águas Claras e foto aérea



Fonte: Cabine Fotos e Imagens, 2017

Em entrevista com alguns moradores que chegaram em Águas Claras no ano de 1989, nos relatam como foi o descolamento para chegar. Segundo a Professora Regina que morava no município de Engenheiro Beltrão no estado do Paraná:

A mudança dessa época demorou três dias de caminhão, porque a gente vinha cozinhando, parando na estrada e cozinhando, asfalto era até no posto Gil, do posto Gil até chegar aqui em Águas Claras era tudo estrada de chão, foi muito sofrimento e aquelas estradas só aquela aberturinha e mato de todos os lados.

Podemos observar que as dificuldades começaram aparecer, com a viagem longa e até mesmo cansativa, pois sabiam que as coisas não seriam fáceis, e as estradas por serem de terra não facilitava o deslocamento de outras famílias para virem para essa comunidade.

Muitas famílias deixaram seus estados, suas casas para virem morar em Águas Claras a procura de terras para comprar, outros para terem uma a vida mais sossegada longe do movimento da cidade.

Sobre sua chegada a esta comunidade a Professora Regina relata que

o sentimento de chegar em Águas Claras foi bom porque três dias dentro de um caminhão daí quando você chega que nem chegamos em Águas Claras já tinha casa daí foi um alívio descanso mas sabíamos que iríamos encontrar muito obstáculos na nossa frente, mas todo casal sonha é casamos daí agora vida nova no lugar novo muita esperança muita perspectiva de vida apesar que não foram fácil pois tínhamos a terra mas estava tudo em mata né teve que roça, derruba, Planta então a luta foi muito grande na época que que nós chegamos aqui.

A esperança de ter uma vida melhor, apesar das dificuldades encontradas ao chegar, principalmente com a terra para plantação, que estava tudo em mato, e tiveram que desmatar, para que conseguisse plantar milho, arroz e feijão.

Porém, para outra entrevistada o sentimento ao chegar não foi o mesmo. Segundo Maura:

Nossa chegada, principalmente para minhas primas, irmãs e eu, foi desesperadora. Se pudéssemos teríamos voltado para trás no mesmo instante. Águas Claras, apesar do lindo nome, não era nada bonita, ao contrário era uma cidade muito pequena, sem mostrar perspectiva nenhuma de um futuro promissor. Não havia escolas, para podermos continuar nossos estudos.

Por virem de uma cidade grande e serem moças novas, ao chegarem a comunidade de Águas Claras, completamente diferente da realidade onde moravam, se assustaram, pois não viam perspectiva de vida, encontraram apenas dificuldades. As pessoas que aqui já habitavam acolhiam os que estavam chegando, muitos hospedavam em suas casas até construírem um lugar para morar. Pois muitos vinham sem ter até mesmo casas prontas.

As condições de vida não eram das melhores, as casas eram construídas de madeira, os antigos moradores falavam “barracos”, as ruas eram apenas abertas com máquinas, como são

até atualmente, no tempo da seca sofrem com a poeira e nas águas com a lama. Transporte não havia como relata a Professora Regina:

No começo não tinha transporte, quando nós chegamos lá em 86 nós levamos um jipe a gás a gente vinha para Juara nesse jipinho que era a gás outra vezes as pessoas uns pegavam carona tinha um senhor Francisco Severino que daí ele já estava morando em Águas Claras ele tinha um caminhão amarelo que ele puxava cereais das pessoas para vender daí onde quando ele vinha pra Juara ele dava carona.

Porém, nem todas pessoas tinham condições financeira de ter um transporte próprio, as que não tinham pegavam carona quando precisavam se locomover até Juara, muitos iam de bicicleta ou até mesmo a pé. Segundo a Professora Lourença: “*Havia também um mini posto de gasolina, mas acabou falindo porque quase ninguém tinha carro na época, diferente de hoje que quase todos os moradores têm seu próprio carro e moto*”.

Com o movimento de pessoas chegando em Águas Claras surge a necessidade de um transporte, assim relata A Professora Regina “*a empresa Expresso Maringá colocou um ônibus, um ônibus por dia, vinha de manhã pra Juara e voltava à tarde, facilitou um pouco mais a vida dos moradores*”. Facilitou a ida das pessoas até a cidade, um avanço para a comunidade. Até porque em Águas Claras não havia supermercados como explica a Professora Lourença,

Os comércios maiores sempre foram os bares, considerados pelos proprietários com venda, uma espécie de mercearia, tem uma variedade de produtos, porém, incompletos para atender a demanda em gêneros alimentícios e outros produtos necessários ao dia-a-dia dos moradores que uma vez ou outra precisavam deslocar-se até a cidade para fazer compras.

O sustendo das famílias vinha da lavoura, segundo a entrevistadas “*havia máquina de arroz e posto de gasolina onde trabalhavam os moradores. Outros moradores vinham com o intuito de trabalhar com criação de gado*”. Neste mesmo sentido a Professora Regina conta:

Meu sogro comprou as terras aqui próximo Águas Claras ele já não tinha esse objetivo de plantar café o negócio dele era mais mexer com gado, criar o gado então na época como era tudo mato as pessoas tinha o costume derrubava o mato, daí plantava arroz, depois plantava feijão, outros plantava o milho, depois que ia plantar o capim, então eles iam aproveitando as terras desmate terra nova pra plantar lavoura, lavoura branca e produzia muito, muito, muito pena que era tudo na mão, era derruba com motosserra outros no machado, depois eles descoivara quando tacava fogo quando não queimava tinha que descoivara tudo na mão mutuar os pau planta com aquelas maquininhas de mão tanto o arroz quanto milho, quanto o feijão, a colheita também era tudo manual.

Para Fernandes (2006, p. 29),

Pensar o campo como território significa compreendê-lo como espaço de vida ou como um tipo de espaço geográfico onde se realizam todas as dimensões da existência humana. [...]. Contudo, as relações não se desenvolvem num vácuo, mas sim, nos territórios. As relações são construídas para transformar os territórios.

Desde modo o território, para os agricultores familiares, significa lugar de vida, onde possam plantar e colher, criar gado, pois é do campo que tiram o sustento da família. Os filhos ajudavam na roça, até mesmo as mulheres, quando a família era grande até que conseguiam plantar bastante coisa, mas quando a família era menor tinham que pegar gente para ajudar eles falavam “empreita”, que é a mão de obra braçal, pagava para que outras pessoas ajudassem no plantio. E para vender o que se produzia em Águas Claras era necessário levar para Juara. Segundo a Professora Regina,

A gente vendia no começo era tudo Porto dos Gaúchos, tinha que levar tudo no Porto dos Gaúchos até que surgiu a goiazem que criou construí-o o armazém chamado goiazem aqui em Juara daí ficou mais fácil para o produtor de Águas Claras e região Jaú, Catuai que daí já traziam os produtos para cá pra cooperativa.

No início também não tinha Água encanada, para que as mulheres pudessem realizar as tarefas de casa era preciso buscar água nos rios como relata a Professora Regina,

é o abastecimento de água era poço toda casa tinha poço, a casa que não tinha buscava água no poço do vizinho até que a prefeitura aqui de Juara na época do Riva, José Geraldo Riva fizeram uma represa pra pode por uma roda de água e manda água aqui na vila daí quando era no tempo da seca que o poço secava a gente pegava as roupas e ia lavar no rio daí o corgo mais próximo que as pessoas iam era no arapitanga, uns no Arapitanga outros ia lá no Cascelho lavar roupa quem tinha condições de puxar outros iam com um tratorzinho outros iam que nem meu marido ia com o jipe, outras vezes levava a gente com as roupas suja no jipe chegava lá lavava colocava nas bacias pra secar em casa e era assim.

Energia também não tinha naquela época, para que os moradores conseguissem iluminar a noite era na base do lampião, vela, ou no clarear da lua. Segundo a Professora Regina,

Tudo clareado pelo lampião, vela, mas não era sempre que tinha dinheiro para comprar vela, daí a gente usava a lamparina, lamparina que colocava querosene, outras vezes colocava óleo diesel, sei que no outro dia a gente levantava com o nariz tudo preto de sentir aquele cheiro do combustível da lamparina, ainda mais quando tinha criança nova que acordava várias vezes na noite, daí até no outro dia o bebê estava com o narizinho preto.

Televisão então era um luxo, pouquíssimas famílias que possuíam uma, os que não tinha, iam na casa dos conhecidos assistir. “Televisão ninguém tinha nos ainda tinha porque o meu sogro levou uma televisãozinha daquelas pequeninhas televisão bateria daí colocava na bateria do jipe ou do tratorzinho que eles tinham daí a gente assistia os jornais, jornal depois as novelas,”. Podemos notar o tão simples era essa comunidade, com pessoas humildes.

Em questão de saúde na época de 1986, em Águas Claras, havia posto de saúde. Segundo a Professora Regina “já tinha uma farmacinha que era tocada pela Maria e o S. Leonel que ela

era enfermeira ela era parteira, enfermeira, parteira e tinha medicamento que ela vendia”
Maria era quem socorria os moradores, nos momentos difíceis era até mesmo uma médica.

O único meio de comunicação que existia em Águas Claras era o correio como explica a Professora Lourença,

Havia um posto de correios assim chamado na época, onde levávamos as cartas ou correspondências e cada 15 dias eram levados para o correio de Juara, nesse dia levavam e também traziam as correspondências, de tardezinha ficava lotado de pessoas o posto dos correios a procura de correspondências.

Várias pessoas iam até os correios preocupados com seus familiares que deixaram para traz, para vir desbravar a região de Águas Claras. Apesar de todas essas dificuldades muitos moradores não foram embora, insistiram em permanecer nesta comunidade e alguns estão aqui até nos dias atuais. Os anos foram se passando e as coisas começando a melhor como menciona a Professora Regina,

No ano de 92 mais o menos foi construído lá em Águas Claras um P.S também um central, uma central de telefone daí as pessoas ia lá a gente fazia a ligação a pessoa ia lá na cabine e conversava com seus parentes, aí começou a facilitar mais daí já não era mais só por carta já tinha essa outra opção por telefone.

As festas que aconteciam eram tudo no clarear do lampião, os instrumentos era sanfona, pandeiro e o pessoal curtiam bastante, momento de lazer da comunidade. Uma das festas mais conhecidas era da igreja Católica como diz Maura; *“Não havia muitos eventos festivos, mas o mais importante e até grandioso era a festa da igreja. Os moradores se empenhavam ao máximo para realizar uma festança, era um acontecimento na cidade”*. Essa festa e tradição da comunidade, pois ela acontece até nos dias atuais, sendo realizada uma vez no ano, para arrecadar fundos para sustentar a igreja católica de Águas Claras. A igreja exercia papel importante na comunidade segundo Maura,

Havia terços nas casas das pessoas e comemoração das festas juninas. A igreja exercia um papel importantíssimo, as pessoas a frequentavam muito, mesmo não havendo a figura do padre, tínhamos cultos todos os fins de semana, encontros de jovens... e tudo começou em um barracão.

Porém, em Águas Claras havia várias dificuldades, como falta de trabalho, oportunidade de crescimento profissional principalmente para os jovens. Os únicos serviços que tinham eram na agricultura, empregadas domésticas ou professores/as.

A energia na comunidade foi chegar no programa do Governo de Ermes de Abreu, segundo a entrevistada, funcionava no motor à diesel, onde a população pagava o combustível gasto dividindo entre os moradores. Funcionando das 18:00 horas as 22:00 horas.

O distrito de Águas Claras está localizado próxima à Terra Indígena Apiaká-Kayabi, conforme mostra na Imagem 3, os moradores tiveram e tem convivência com os indígenas, como conta a professora Regina sobre a relação com os indígenas quando chegou ao distrito

convivência também que temos com a população indígena então cada um tem a sua cultura, a sua singularidade e essa cultura foi se misturando uns aos outros e hoje eu posso considerar assim que a gente tem diversas cultura em um único povo na época a relação aqui com os povos indígenas eram boas, os índios eles conviviam mais aqui na vila da Aguas Claras eles faziam seus balaio, cestos, peneiras e saíam vendendo nas casas oferecendo quem queria comprar os peixes que eles pescavam, então sempre teve um relacionamento harmonioso eu mesma ficava meio arisca assim em relação a índio porque a gente nunca viu índio e a gente tinha a mentalidade que o índio usa arco, flecha que eles podem ser violento então eu tinha medo dos índios, hoje não, hoje já é tudo natural a gente vê que é mito, que não era nada daquilo que a gente imaginava e que eles são pessoas comum como a gente mesmo.

Como contou a entrevistada Professora Regina, as três etnias indígenas que habitam a terra indígena Apiaká-Kayabi, que são: Caiabi, Apiaká e Munduruku quando vem para a cidade de Juara precisam necessariamente passar pelo distrito de Águas Claras, além disso, a proximidade geográfica com o distrito facilita as trocas comerciais com a população do distrito, o que estreitou as relações de proximidade.



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/place/Apiaka%2FKayabi,+Juara+-+MT,+78575-000/@-10.9478101,-57.4188069,10.75z/data=!4m6!3m5!1s0x93af1b99031078c9:0xbc4a459e3062a5d2!8m2!3d-10.9369041!4d-57.4092252!16s%2Fg%2F11dx21vsk>

Imagem 3: Mapa da Terra Indígena Apiaká-Kayabi

Por um período nas escolas indígenas, que eram responsabilidade do município de Juara, era oferecido somente o ensino primário, de 1ª a 4ª série, portanto não tinham aula na aldeia de 5º a 8º série, para ter acesso a continuidade dos estudos, os indígenas vinham estudar na escola de Águas Claras, havia transporte para buscá-los todos os dias. Fazendo assim que a comunidade tivesse maior contato com os povos indígenas. Estudando na mesma escola, os

alunos tiveram a oportunidade de conhecer melhor a cultura, costumes e tradição dos Caiabi e dos Apiaká.

História Institucional e Instituição escolar: A Escola Dom Aquino Corrêa

As instituições escolares foram criadas com o intuito de formar cidadãos para viver em sociedade, Segundo Saviani (2005, p. 28).

A palavra instituição guarda a ideia comum de algo que não estava dado e que é criado, posto, organizado, constituído pelo homem. A instituição se apresenta como uma estrutura material e é constituída para atender às necessidades humanas. Pode-se dizer que uma instituição é criada para permanecer. As necessidades passageiras, de caráter conjuntural, são normalmente atendidas sem necessidade de se recorrer a atividades institucionalizadas.

As instituições escolares foram pensadas e construídas para que pessoas como crianças e jovens, tivessem saberes necessários para viver em sociedade, e dando à estudante oportunidade de conhecimento sobre matemática, português e outras disciplinas. Tornando o cidadão capaz de entender regras e as respeitá-las. Podendo viver em uma sociedade com direitos e deveres.

Toda a instituição tem sua historicidade, nada nasce pronto e acabado, uma vez que construída, está apta as mudanças, para melhores resultados serem obtidos. Porém, “se as instituições surgem para satisfazer necessidades humanas, isto não significa que toda e qualquer necessidade humana exige a existência de alguma instituição para ser atendida” (SAVIANI, 2005, p. 29).

Portanto, para realizar uma pesquisa sobre a história de uma instituição escolar procura-se investigar o que correu nela com o passar do tempo, mudanças, permanências, lutas e resistência. Neste sentido, conforme Gatti Junior (2002, p. 19).

A história das instituições educativas tem melhorado no contexto dos estudos de história da educação no Brasil, renovando o campo da história da educação e organizando-se como um novo campo temático da historiografia da educação brasileira.

Porém para analisar a história de uma instituição não é uma tarefa fácil, pois não basta saber apenas um conjunto de fatos, mas as práticas educacionais, o público-alvo, até mesmo sua arquitetura, sempre de acordo com a época, voltado aos valores e cultura da sociedade em que está inserida.

Segundo a Professora Lourença, quando morava no sítio, lecionava para aqueles alunos que não tinham acesso à escola. As aulas aconteciam na sua própria casa, sem receber nenhum recurso para comprar alimento, a mesma tirava dinheiro do próprio bolso para oferecer merenda para os estudantes. Preparava suas aulas a noite, tirando tarefas no papel carbônio, para que, quando os estudantes chegassem estivessem tudo preparado.

As primeiras instituições de ensino, foram construídas a beira das estradas perto de casas de sitiantes e chacareiros para que seus filhos pudessem ter acesso a escola. Era uma política de Governo para que manter as famílias na zona rural. Como falamos no capítulo um, as instituições foram pensadas e construídas para que pessoas tivessem saberes necessários para viver em sociedade e tendo oportunidade de obter conhecimento relacionado as disciplinas escolares. Não havendo transporte escolar na época. Professora Regina nos diz que,

Cada estrada tinha uma escola, na estrada Marabá tinha uma escolinha, na estrada Dois irmãos tinham outra escola, na linha Bonete que é outra estrada tinha outra escola, na estrada do Cascalho tinha outra escolinha, porque na época não havia transporte escolar então eles procuravam um determinado local um ponto para construir onde ficaria de fácil aceso as crianças a frequente.

E na comunidade de Águas Claras não foi diferente explica Maura “A primeira escola de Águas Claras ficava próxima à igreja, era multisseriada, depois construíram outra que ficava próxima à casa do motorista, também multisseriada”. Sendo essa escola José Kara José da rede municipal de educação de Juara, atendia alunos de 1ª a 4ª séries, com o passar do tempo o número de alunos foram aumentando, devido aos que vinham de chácaras e sítios. E assim construíram mais duas salas de aulas não sendo mais multisseriadas.

Sabemos que a educação escolar no ambiente em que o sujeito vive é um direito assegurado pela Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), preservando a cultura, valores, costumes, definindo a identidade enquanto sujeito do campo.

Porém, como na comunidade de Águas Claras haviam poucos alunos não possibilitava a divisão em séries, podendo oferecer o ensino com salas multisseriadas, sendo uma solução mais viável para conseguir o ensino no meio rural. Afirma Caldart (2002, p 34-35):

Construir uma escola do campo significa estudar para viver no campo. Ou seja, inverter a lógica que se estuda para sair do campo, e se estuda de um jeito que permite um depoimento como esse: foi na escola onde pela primeira vez senti vergonha de ser da roça. A escola do campo tem que ser um lugar onde especialmente as crianças e os jovens possam sentir orgulho desta origem e deste destino; não porque enganados sobre os problemas que existem no campo, mas porque dispostos e preparados para enfrentá-los, coletivamente.

Entretanto as escolas eram simples, construídas de madeira, coberta de Eternit e pisos de cimento, muitos estudantes andavam a pé, de bicicleta ou a cavalo para conseguir ter acesso a escola.

Tendo aula em Águas Claras somente até a 4ª série, os pais se reuniram para garantir que, seus filhos tivessem continuidade aos estudos e para que eles pudessem permanecer no campo com suas lavouras, como ressalta Caldart (2002, p. 29-30), “com o conjunto das lutas pela transformação das condições sociais de vida no campo”. Segundo a Professora Regina;

Os pais preocupados com a educação dos filhos que até então tinha até 4ª série procurou-se junto com os vereadores da época Felisberto e Valdir dos Santos que foi até o prefeito e conseguiu fazer a noite no período noturno quatro salas usando as mesmas salas de aulas anexas.

Sendo essa uma das lutas que os povos do campo tiveram que enfrentar para que seus filhos pudessem continuar tendo acesso à escola.

No ano 1988, conseguiram ter a 5ª, 6ª, 7ª e 8ª série, funciona no período noturno, pois não havia sala de aula suficientes para atender todos em um único período. Sendo estas salas anexo da Escola Estadual José Alves Bezerra hoje Luiza Nunes Bezerra de Juara. Porém, como ainda não existia energia na comunidade os alunos da noite estudavam com o auxílio do lampião. Devido essas aulas serem no período noturno, os estudantes vinham de bicicleta e muitas meninas que moravam no sítio não estudavam por impedimento da família.

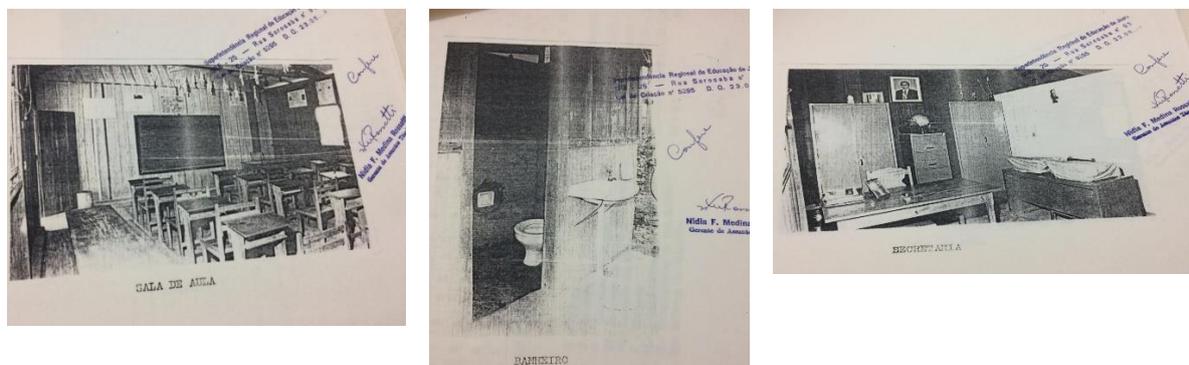
Em 1990, passou a ter ônibus para trazer professores de Juara para lecionar em Águas Claras e alunos da Serrinha I e II e do Garantã. Segundo a aluna da época, Cláudia:

A dificuldade era ter que andar 3 km a pé até chegar ao ponto do ônibus, porque o ônibus não ia me buscar em casa, e muitas vezes, o ônibus não vinha nem até o ponto, eu ficava na estrada sozinha, porque não tinha ninguém. Ele só me levava, mas ele não me buscava. Ai eu achava difícil nessa época.

Os professores que lecionavam não possuíam formação, como explica a Professora Lourença “a formação dos professores também não era tão elevada, quem tinha maior estudo tinha o Magistério ou o antigo Mobral, alguns tinham apenas o antigo Ginásio”.

A escola passou a ser “Escola Estadual De I Grau “Dom Aquino Corrêa” no ano de 1991. Segundo a Professora Regina o nome da escola foi uma homenagem ao Arcebispo nascido em Cuiabá Dom Aquino Corrêa. Tendo como primeiro diretor Clóvis Candido, a escola funcionando em dois períodos de manhã e à tarde tendo em torno de 360 alunos. De acordo com documentos encontrados na escola o aspecto geral do prédio, que foi doado pela prefeitura Municipal de Juara, possuía apenas quatro salas de aula, uma cozinha, três

sanitários, sendo um masculino, um feminino e um privativo para professores e uma sala para professores. Possuía também uma quadra de esporte não coberta. A figura 4, com três fotografias mostra alguns dos espaços da escola nesses primeiros anos de sua implementação no distrito de Águas Claras.



Fonte: Acervo da Escola, 1992.

Figura 4: Conjunto de Fotografias da E.E Dom Aquino Corrêa: primeira sala de aula, primeiro banheiro e primeira secretaria.

Relata a Professora Regina que,

Passados dois anos a escola ofereceu também o 2º grau funcionando de manhã a tarde e à noite e nesse intermédio de horários as escolinhas municipais que tinham nas estradas, que foram fechando e onde surgiu o começo dos transportes escolares centralizando o transporte tudo ali na comunidade de Águas Claras.

Entretanto no ano de 1992, começou a ser construída a escola de alvenaria o mesmo local onde ela se encontra hoje, pois já estava atendendo o ensino médio e não tinha sala de aulas, então as aulas para essa turma acontecia na Associação de Pequenos Produtores Rurais, passando a funcionar nessa nova estrutura em 1993.

Explica a Professora Regina que no ano de 1997: “O estado alterou o seu programa de ensino, foi a centralização por falta de professores nas áreas específicas, resolveram centralizar o 2º grau tudo em Juara”.

A escola parou de ofertar o Ensino Médio e os alunos iam de ônibus para estudar em Juara na Escola Estadual Oscar Soares. A escola deixando de ofertar o segundo grau, houve alteração no nome da mesma passando ser E.E Dom Aquino Corrêa.

Relata a professora Regina que “na época o sistema de ensino era multisseriado, a criança entrava na 1ª série com sete anos daí se ela não conseguisse aprender a ler e escrever no final do ano ela repetia de ano”. Devido os professores terem muita dificuldade, porque a única ferramenta que eles tinham para trabalhar era os livros didáticos, não havia outra fonte para pesquisas, tendo que usar apenas a criatividade para fazer com que os alunos aprendessem,

fazendo isso na folha de sulfite no papel carbono. Sem contar que a merenda era trazida direto pela secretaria de educação e era tudo feito no fogão a lenha porque a escola não possuía fogão a gás.

Conforme a Professora Lourença: “A estrutura física em 1998 já não era das piores, mas também não era das melhores, as salas não eram forradas e atrapalhava muito as explicações dos professores pois se ouvia tudo de uma sala a outra”.

Segundo Maura: “as dificuldades para lecionar eram enormes, faltava tudo, só não faltava vontade fazer o melhor”. A mesma conta que usavam até o verso dos panfletos das campanhas de vacinas e papel carbono para fazer cópias manualmente para trabalhar com as crianças, pois não tinha mimeógrafo. Menciona a professora Regina: “Demos graças Deus quando o estado mandou para as escolas o mimeógrafo, para nós, foi a nossa tecnologia”.

Apesar de todas as dificuldades encontrada, deste da estrutura da escola aos materiais pedagógicos, podia se notar nos alunos muita vontade de aprender como conta a Professora Regina; “nessa época e os jovens parecem que eles tinham mais vontade de ir para escola de aprender, porque os pais incentivavam, isso, porque eles não queriam que seus filhos fossem iguais a eles, ter que trabalhar no sol”. Sendo que muitos dos pais não tinham estudos, mal sabia ler e escrever o próprio nome, então eles exigiam que seus filhos fossem para escola e que pudessem aprender. Segundo a Professora Regina: “quando os jovens já estavam lá na 6ª série 7ª série eles pediam para os professores de matemática ensinava eles a fazerem conta cubica quanto metros cúbicos dava a madeira, como medir para saber quantos alqueiro que tinha a terra como fazia para medir”. Os estudantes tinham interesse em aprender para que pudessem ajudar os pais nas tarefas diárias no campo como explica a Professora Regina:

Eles tinha esse interesse em aprender e os pais pediam para ensinar isso aos filhos dele que eles tinham necessidade porque muitos eles eram trabalhadores braçais eles viviam da derrubada de mato, da roçada né então eles tinham que saber medir e calcular a área, saber quantos alqueiro que eles plantaram, quantos alqueiro que eles derrubaram e os próprios situantes também como que fazia para medir a tora a madeira pra saber metros cúbicos, então para crianças os jovens que já entravam no ginásio eles já iam com essa intenção com essa vontade de aprender porque sabia que ia ser útil para sua família.

A comunidade sempre foi muito unida, talvez seja por conta da fé ou pelas dificuldades que não eram poucas. Seguindo Maura a comunidade contribuía para a melhoria da escola. “Sempre procurou colaborar com escola: na reforma, conserto de algo, ampliação do espaço físico, reivindicações na prefeitura de Juara para conseguir melhorias, organização de festas

para arrecadar dinheiro para a manutenção”. Sendo que a escola exercia um papel político importante na região “Não somente para que os eleitores fossem votar no dia das eleições, mas como espaço para discussão sobre política, independentemente de partidos e candidatos. Estava sempre de portas abertas para atender a necessidade da comunidade”.

Sabemos que a Escola é de suma importância para a comunidade de Águas Claras, pois essa é a única onde os estudantes têm acesso a escolarização. Segundo a Professora Lourença as contribuições são:

As melhores possíveis. Todos os professores são capacitados, graduados e pós-graduados. Os funcionários quase em sua totalidade também graduados. E no que tange a prática educativa em sala de aula percebe-se o comprometimento dos professores com a construção do conhecimento e aprendizado dos alunos. A formação continuada dos educadores contribui muito na efetivação das práticas educativas tanto em sala de aula quanto em todo o fazer pedagógico da escola. O reconhecimento dos pais em relação a escola e seus profissionais também é um fator de grande eficácia, pois sabem do importante papel da escola na formação cidadã de seus filhos e estão sempre colaborando com a escola tanto no apoio financeiro quanto na participação das atividades propostas pela escola.

A Professora Regina acredita que *“a Escola Dom Aquino Corrêa, já contribuiu e contribui muito para nossa comunidade de Águas Claras inclusive hoje tem professores lá lecionando que já foram alunos daquela Escola”*. Podemos perceber o quão importante é essa instituição para a comunidade de Águas Claras.

No ano de 2000 houve transformação no sistema de ensino e as Escolas Estaduais deixaram de ser seriadas e passaram a implementar o Ciclo de Formação Humana, com o projeto Escola Ciclada. A Professora Regina conta que:

Com essa transformação das políticas educacionais a escola começou a receber outras verbas que é o PDE inclusive a escola recebia somente o dinheiro do FUNDEP depois passou a receber o PDE destinado a 60% dos materiais pedagógicos e 40% para material de consumo no começo. Hoje não, hoje a escola decidiu o percentual que ela quer nesses dois requisitos.

Neste ano a Escola ainda não possuía biblioteca, laboratório e acesso à internet, o que tornava a preparação de aula do professor mais difícil, pois havia pouquíssimos materiais disponíveis para eles.

Sendo que, neste tempo não existia uma política educacional voltada para a educação no campo ou na cidade, Professora Maura explica que: *“havia o bom senso do professor que precisava entender a necessidade das crianças que viviam no campo e que ajudavam os pais nas safras e que muitas vezes faltavam ou chegavam atrasados na aula porque estavam ajudando a família no trabalho”*.

Apenas no ano de 2008 a Escola passou a atender com a modalidade da educação do campo. Segundo a Professora Regina:

Escola do campo porque o objetivo que eu vejo assim do governo e que de condições e estrutura para os alunos da zona rural não precisa se locomover para cidade para estudar e a escola do campo ela veio pra isso, pra fazer com que as pessoas permaneça no local onde estão trabalhando porque a cidade já não suporta mais tanta pessoas desemprego, e as escola do campo ela tem que ter esse objetivo de levar os conhecimentos básicos, conhecimento de mundo e também conhecimento que vai auxiliar esses alunos essas famílias no local onde ele trabalham no local onde eles vivem dando conhecimento e suporte para que eles consigam além de ter seu estudo seu conhecimento continuem em busca de novos aperfeiçoamentos e que a escola possa oferecer esses recursos da melhor forma possível porque hoje sabemos que também no campo a tecnologia está lá no trator, numa colheitadeira até mesmo processo de inseminação do gado.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, cita em apenas um de seus artigos sobre a educação básica para a população rural:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II – Organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III – Adequação à natureza do trabalho na zona rural (LDB 9394/96, p. 43).

Mudando assim a metodologia proposta pela Escola, onde a mesma passa a ser direcionada a realidade do aluno. Segundo Gentil e Cowan (2003, p.69), “a especificidade do ensino no campo requer um método que construa o conhecimento a partir dos sujeitos e de sua realidade”.

Porém, sabemos que a educação do campo tem muitos desafios a se desenvolver e um deles é o transporte escolar que, na maioria das vezes, não são dos melhores e as estradas que quase sempre estão em péssimas condições. Fazendo assim que a distância a percorrer seja maior, prejudicando o aluno que está a caminho da escola, colocando em risco a integridade física, além do cansaço por ter que acordar cedo para conseguir chegar a escola no horário da aula. Sobre essa questão a Professora Lourença relata que: “*desta forma concebemos que a educação do campo deve ser pensada e sistematizada para atender os interesses de seus moradores (alunos), e não para atender interesses políticos partidários*”.

No ano de 2002, 2003 e 2004 a escola atendeu a Educação de Jovens e Adultos – EJA, denominado projeto de aceleração. Várias pessoas da comunidade participaram dessas aulas. A seguir, a figura 5 mostra a escola no ano de 2004.



Fonte: Acervo da escola, 2004.

Figura 6: E.E Dom Aquino Corrêa em 2004.

Nos anos de 2006 a 2009, os indígenas da comunidade Kayabi passaram a estudar na Escola Dom Aquino Corrêa, pois não havia aula de 5º a 8º série na aldeia, duplicando o número de alunos da instituição, foram anos de muita troca de conhecimento, foi um momento em que os estudantes do distrito tiveram a oportunidade de conhecer um pouco da cultura indígena, como relata uma estudante, “*eles nos ensinavam e até mesmo nos dava as pulseiras que faziam*”. Como salienta Botelho (2007, p. 110)

Vale nesta linha de continuidade a incorporação da dimensão antropológica da cultura, aquela que, levada às últimas consequências, tem em vista a formação global do indivíduo, a valorização dos seus modos de viver, pensar e fruir, de suas manifestações simbólicas e materiais, e que busca, ao mesmo tempo, ampliar seu repertório de informação cultural, enriquecendo e alargando sua capacidade de agir sobre o mundo. O essencial é a qualidade de vida e a cidadania, tendo a população como foco.

No ano 2010, a Escola passou por uma reforma que durou aproximadamente seis meses, sendo construídas algumas salas, para melhor atendimento aos alunos. A mesma já possuía laboratório de informática, biblioteca, tudo para melhorar o ensino.

São momentos que marcam também algumas mudanças de concepções educacionais, conforme relata a Professora Regina: “*o professor está para mediar o conhecimento do aluno, antigamente não, a gente era o centro do saber, que passava para o aluno porque era o sistema tradicional e também as escolas não estavam preparadas como elas estão hoje, todas informatizadas com seus laboratórios*”.

Segundo o PPP – Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Dom Aquino Corrêa

A instituição escolar acredita que a família é o primeiro contexto na qual a criança desenvolve padrões de socialização, deste modo, ela se relaciona com todo o conhecimento adquirido durante sua experiência de vida primária que refletirá na sua

vida escolar. O processo educativo envolve um conjunto de agentes, assim, acreditamos que é impossível colocar à parte escola, família e sociedade, pois, se o indivíduo é aluno, filho e cidadão, compreendemos que a tarefa de ensinar não compete apenas à escola, porque o aluno aprende também através da família, dos amigos, das pessoas que ele considera significativas, dos meios de comunicação, do cotidiano (SEDUC, 2017).

Sendo esta única instituição de Ensino a qual a comunidade tem acesso, considera-se a mesma de suma importância, tendo em vista que a comunidade é constituída por sítiantes e chacareiros, que dependem da terra para o seu sustento; e sem esta unidade de ensino, muitos provavelmente teriam se deslocar para a cidade de Juara se quisessem acesso a escolarização básica. Segundo Molina (2002, p. 39-40):

A educação do campo tem a tarefa central na perspectiva de contribuir com o desafio de repensar e redesenhar o desenvolvimento territorial brasileiro: educação do campo com desenvolvimento social, educação do campo com cultura, educação do campo com saúde, com infraestrutura de transporte, de lazer, Educação do campo com cuidado do meio ambiente.

Outro fato importante é o da escola trabalhar com seu currículo voltado ao campo, ou seja preparando os alunos do campo para continuarem no campo, pois acreditam que este foi, é, e sempre será de suma importância para o desenvolvimento do País. Durante essa trajetória da escola passaram várias pessoas que contribuíram para que ela se formasse no que se hoje. Segundo a Professora Regina:

Acredito que todos que passaram por essa escola deixaram de uma forma ou outra sua contribuição. Os pais dos alunos, os alunos, os educadores que passaram por ela até hoje e os que estão lá ainda trabalhando, lutando, fazendo o melhor possível para que todas aquelas crianças, jovens, adolescentes possam ter um futuro melhor, ter um melhor conhecimento, para conseguir viver nessa sociedade hoje que totalmente já informatizada. Para que eles tenham esse amparo esse conhecimento, essas tecnologias atuais e que a gente consegue aprender tudo isso porque alguém está nos oferecendo, está nos ensinando.

Nesta mesma perspectiva da valorização da escola e dos profissionais que nela atuam a entrevistada Maura nos conta que “a estrutura física da escola melhorou muito, que há professores realizando projetos maravilhosos, mas acredito que devido ao desenvolvimento da cidade ainda há muitas dificuldades ainda para serem vencidas”.

Atualmente a escola se encontra com uma ótima estrutura física construído pelo estado de Mato Grosso, tendo dez salas de aula, ginásio de esportes, quadra de areia, uma ampla área verde que é usada para realização de atividades extraclasse, uma biblioteca escola com acervos de livros, laboratório de informática, salas dos professores, secretaria, sala para a direção,

cozinha, almoxarifado, dois banheiros masculino e feminino e dois destinados a aluno PCD, na figura 7 e 8 vemos a fachada e a jardim da escola.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 7 e 8: E.E Dom Aquino Corrêa

Segundo PPP – Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Dom Aquino Corrêa (SEDUC, 2019);

A instituição oferta a modalidade Ensino fundamental de nove anos e 1º ano do ensino médio, atendendo a 70 alunos na sede, 150 em salas anexas localizadas no município de Juara no Ceja Jose Dias; a escola atende também ao Ensino Médio em salas anexas na Comunidade Paranorte, 120km da sede, atendendo a 55 alunos no período Matutino. As salas de aula anexas funcionam no prédio da Escola Municipal Francisco Sampaio e atendemos também a uma sala do 1º ano do Ensino Médio no Assentamento Japuranã 180km da sede, atendendo com 20 alunos. Sala está localizada na Escola Municipal Santa Clara.

Sendo uma escola do campo a mesma oferta projeto direcionado a “Horta escolar”, onde os estudantes cuidam da horta, tirando dela, legumes, verduras e cheiro verde para a uma alimentação saudável, que servido no almoço para os próprios estudantes. Segundo Bandeira (2013, p.55)

Uma horta pode fazer parte do ambiente escolar, tornando-o mais alegre como suas formas, cores e aromas e podemos, além disso, fazer experimentações e análises através das aulas, pois os alunos atuam como corresponsáveis pela escolha do local, construção dos canteiros, seleção das plantas, planejamento, preparo da terra, obtenção de mudas e sementes, o plantio, o transplante, os tratos culturais, a manutenção da horta e decidirem o que vão fazer com o que colheram.

Podemos perceber que a escola Dom Aquino Corrêa, evoluiu muito no decorrer dos anos, tanto na metodologia de ensino como na estrutura, isso graças a comunidade, aos professores e a todos os profissionais que lutaram por essa instituição para que ela melhorasse sempre mais, buscando levar o conhecimento ao estudante.

Os profissionais que hoje se encontra na Dom Aquino Corrêa são todos fizeram sua formação básica nela mesmo, tornaram-se excelente profissionais. Dos diversos alunos que passaram pela escola, alguns já possuem nível superior, outros estão cursando, dessa forma, podemos perceber a qualidade do ensino. A Professora Regina termina a entrevista dizendo:

parabéns a todas as pessoa, os alunos, pais de alunos, diretores, coordenadores de uma forma e outra os governantes os políticos S. Felisberto, Valdir que na época eram os dois vereadores que a comunidade tinha que eles correram atrás junto com a população pra conseguir levar o anexo da escola Luiza Nunes Bezerra pra lá pra que houvesse a 5ª e 8ª serie então o começo de tudo foi ai e de lá pra cá foi lutas constante pra que não fechasse corresse atrás de alunos né corresse atrás de transporte e assim sucessivamente e quero aos professores atuais que estão lá trabalhando que também já foram meus alunos que tenho certeza que eles estão dando o melhor de si pra que todas as crianças aprendam e tenha um futuro melhor.

Percebemos que as lutas não terminaram, pois uma instituição de ensino nunca está pronta e acabada, busca sempre inovar para que seus educandos possam tornar grandes profissionais, que possam transformar a realidade social onde vivem.

Considerações Finais

Com essa pesquisa compreendemos que a educação do campo, surgiu a pouco tempo e com ela veio as mudanças nas metodologias. E ao estudarmos sobre educação do campo, percebemos que os povos tiveram que enfrentar vários desafios para conseguir uma instituição do/no campo. Diante disse creio que este trabalho tem sua relevância, principalmente para comunidade de Águas Claras, que traz em evidência a escola Dom Aquino Corrêa, que foi o foco da pesquisa.

Observamos na fala das entrevistadas o espanto que algumas tiveram ao chegar na comunidade de Águas Claras, pois ainda era tudo mato fechado, muito diferente de onde moravam, era uma comunidade muito pequena, com pouquíssimas famílias e com nenhum conforto, sem água encanada, sem energia elétrica, sem meios de comunicação e de transporte. Mesmo com essas dificuldades conseguimos perceber na fala delas muito carinho por Águas Claras. E como dizia o Padre Zezinho na música Utopia “Faltava tudo, mas a gente nem ligava o importante não faltava seu sorriso, seu olhar”.

Atualmente a comunidade continua com poucas famílias tendo aproximadamente 300 famílias, não cresceu muito, a renda das famílias vem da agricultura, criação de gado,

aposentados e professores/as, a mesma possui vários avanços pois hoje tem água encanada, energia elétrica, internet, e quase todas as famílias possuem meios de transporte.

As entrevistas nos possibilitaram acessar e entender a trajetória da Escola Estadual Dom Aquino Corrêa e da comunidade de Águas Claras, uma escola do campo, com realidades completamente diferente da escola da cidade.

Consideramos que as metodologias de ensino educacionais voltada para o campo, nem sempre acontecem, pois assim como na E.E Dom Aquino Corrêa, no início não era destinado a para o campo, e escola era um anexo de uma escola de Juara, cuja realidade é completamente diferente. Os professores tinham que se desdobrar para tentar trabalhar as temáticas o mais próximo possível da realidade dos estudantes. Somente a partir de 2008, a educação na escola começou a ser voltada para o campo, esse aspecto facilita o planejamento bimestral e as aulas, pois as temáticas a serem trabalhadas são voltadas para a realidade dos estudantes.

Portanto, as experiências vivenciadas por algumas das primeiras professoras e relatadas aqui neste trabalho mostram o quanto a escola vem desenvolvendo o potencial de seus estudantes no sentido de valorizar a cultura e a forma de vida de cada um.

THE DOM AQUINO CORRÊA STATE SCHOOL IN THE CONTEXT OF THE DISTRICT OF ÁGUAS CLARAS

Abstract: This text aims to understand, through memory narratives, the trajectory of the Dom Aquino Corrêa school in the context of the district of Águas Claras and as specific objectives to analyze the teaching methodology and educational policies aimed at Education in/in the Countryside; understand, through memory narratives, the methodologies and themes worked on throughout the history of the school; tell the history of the school from the analysis of memory narratives and synthesize the contributions of this teaching unit to the community of Águas Claras, which is the only one in the place for access to schooling. To develop the research, we conducted interviews with teachers, former students of the Dom Aquino Corrêa school and residents of the Águas Claras community. Through the interviews, we had access to information about the trajectory of the school, the difficulties and achievements of this rural teaching institution, in addition to the transcripts of the interviews, for the purposes of analysis and presentation of the results, we selected some photographs from the school's collection.

keywords: Institutional History; History of Education; Education in Juara-MT; Oral History; Education of/in the Countryside.

Referências

- ALBERTI, Verena. **Além das versões: possibilidades da narrativa em entrevistas de história oral.** Rio de Janeiro: CPDOC, 2004.
- ALBERTI, Verena. História dentro da História: Fontes Oraís. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas.** 2.ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008. pp.155-202.
- BANDEIRA, D. P. Práticas sustentáveis na Educação: **Interdisciplinaridade através do Projeto Horta Escolar.** Revista de Educação do Cogeime, v. 22, n. 43, p.53-62, 2013. Disponível em: Acesso em: 24 abril. 2019.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed., São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas v. 1)
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos** – edição N 3 – São Paulo: Companhia de Letras, 1994.
- BOTELHO, Isaura. **Dimensões da cultura e políticas públicas.** São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 15, n. 2, 2001. Disponível em. Acesso em:24 abril.2019.
- BRASIL. Decreto nº 7.352 de 4 de novembro de 2010. Dispõe sobre a política de educação do campo e Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA. Diário Oficial da União - Seção 1 - 5/11/2010, Página 1. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2010/decreto-7352-4-novembro-2010-609343-publicacaooriginal-130614-pe.html>. Acesso em: 02 de mai. 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação - MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei 9394 de 20 de dezembro de 1996.** Brasília: MEC, 1996.
- BREITENBACH, Fabiane. A Educação do Campo no Brasil: uma história que se escreve entre avanços e retrocessos. **Revista Espaço Acadêmico**, edição- N 121, julho, 2011, p. 116/126.
- CALDART, Roseli Salete. Por Uma Educação do Campo: Traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, E. J.; CEROLI, P. R. & CALDART, R. S.(orgs). **Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas. Brasília, DF:** Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2002. Caderno 4.
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos indivíduos.** Tradução, Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.

FERNANDES, B. M. Os da pesquisa em educação do campo: espaço e território como categorias essenciais. In: MOLINA, M. C. (Org.). **Educação do campo e pesquisa: questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. p. 27-39.

FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara; PEREIRA Lisanil da Conceição Patrocínio. **A Educação do Campo na escola Rui Barbosa no Município de Juara**: interface entre Pibid e Novos Talento, Cuiabá, MT: Central de texto: Editora Unemat, 2014.

GATTI JUNIOR, Décio. A história das instituições educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. IN: ARAUJO, José Carlos Souza; GATTI JUNIOR, Décio (Org). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas: Autores Associados. Uberlândia MG: EDUFU, 2002. p. 3-24.

GENTIL, Pablo; MC COWAN, Tristan (orgs.). **Reinventar a Escola Pública**: política educacional para um novo Brasil. Petrópolis: Vozes, 2003.

GROSSI, Yonne e FERREIRA, Amauri. **Razão narrativa**: significado e memória. *História Oral* (4). São Paulo: ABHO, 2001.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

KESSEL, Zilda. Memória e Memória Coletiva. s.a. Disponível em: http://www.museudapessoa.net/public/editor/mem%C3%B3ria_e_mem%C3%B3ria_coletiva.pdf. Acesso em: 26 mai. 2019.

KOLLING, E. J.; CEROLI, P. R. & CALDART, R.(orgs). **Educação do campo**: Identidade e Políticas Públicas. Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2002. Caderno 4.

MOLINA, Mônica Castagna. Desafios para os Educadores e as Educadoras do campo. In: OLIVEIRA, Caroline Mari; BOIAGO, Daiane Letícia. Bases legais para uma educação do e no campo e as experiências educativas de uma escola de agroecologia na região norte do paraná. **IX Anped Sul – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**, Caxias do Sul, 2012.

RODRIGUES, Marta Maria Assumpção. **Políticas Públicas**. São Paulo: Publifolha, 2010.

SAVIANI, Demerval. **Instituições escolares**: conceito, história, historiografia e práticas. 2005.

SILVA, Gesiane Líbero; LAUTET, Luiz Fernando de Carli. **Educação do campo**: alternativas metodológicas para uma prática educacional de qualidade. Manguinhos: UFPR, s.a.

SILVA, Marineide de Oliveira da *et. al.* **A Educação Rural e o Ideário dos Ruralistas Pedagógicos**. 2011. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada10/_files/PtO9AuJK.pdf. Acesso em: 03 mai.2019.